



ARQUITETURA VINÍCOLA E IDENTIDADE NA IMIGRAÇÃO ITALIANA NO SUL DO BRASIL: TRANSFORMAÇÕES TIPOLÓGICAS, CONSTRUTIVAS E FUNCIONAIS NO CONTEXTO RURAL DA SERRA GAÚCHA

Ana Maria de Almeida Lunardi¹, Caryl Eduardo Jovanovich Lopes¹



<https://doi.org/10.36557/2009-3578.2025v11n1p246-262>

Artigo recebido em 29 de Maio e publicado em 22 de Junho de 2025

ARTIGO ORIGINAL

RESUMO

Este artigo analisa a evolução arquitetônica e funcional das edificações vinícolas vinculadas à imigração italiana no Rio Grande do Sul, com ênfase nas adaptações técnico-construtivas e na relação simbólica entre arquitetura e identidade cultural. A partir de abordagem qualitativa e documental, investiga-se como os imigrantes adaptaram saberes tradicionais às condições ambientais e materiais locais, resultando em soluções arquitetônicas híbridas que fundem heranças europeias e especificidades brasileiras. São exploradas quatro fases da arquitetura imigrante, da moradia provisória à consolidação estilística, evidenciando a progressiva complexidade das edificações e sua integração com o território. Destaca-se o papel do porão como espaço multifuncional, articulando produção agrícola, vitivinicultura e sociabilidade, revelando sua centralidade na dinâmica social e econômica das comunidades. O estudo também reflete sobre o diálogo entre a arquitetura italiana rural e as influências brasileiras na organização espacial das propriedades, apontando para uma construção identitária territorializada, resiliente e em constante adaptação. A pesquisa contribui para o entendimento da arquitetura como expressão cultural e ferramenta de preservação da memória e do patrimônio imigrante no sul do Brasil. Este artigo é fruto da dissertação *“Do porão à grande indústria: preservação do patrimônio histórico do imigrante italiano através das edificações de produção vinífera”*, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), na Área de Concentração em Arquitetura e Patrimônio Material, Linha de Pesquisa Preservação do Patrimônio Material.

Palavras-chave: Arquitetura, Imigração italiana, Patrimônio cultural, Porão, Identidade cultural.



WINE ARCHITECTURE AND IDENTITY IN ITALIAN IMMIGRATION TO SOUTHERN BRAZIL: TYPOLOGICAL, CONSTRUCTIONAL, AND FUNCTIONAL TRANSFORMATIONS IN THE RURAL CONTEXT OF THE SERRA GAÚCHA

ABSTRACT

This article analyzes the architectural and functional evolution of wine-producing buildings linked to Italian immigration in Rio Grande do Sul, with an emphasis on technical-constructive adaptations and the symbolic relationship between architecture and cultural identity. Based on a qualitative and documentary approach, the study investigates how immigrants adapted traditional knowledge to local environmental and material conditions, resulting in hybrid architectural solutions that merge European heritage with Brazilian specificities. Four phases of immigrant architecture are explored, from provisional housing to stylistic consolidation, highlighting the increasing complexity of the buildings and their integration into the territory. The role of the cellar as a multifunctional space is emphasized, articulating agricultural production, viticulture, and sociability, revealing its centrality in the social and economic dynamics of the communities. The study also reflects on the dialogue between Italian rural architecture and Brazilian influences in the spatial organization of properties, pointing to a territorialized, resilient, and constantly adapting identity construction. The research contributes to the understanding of architecture as a cultural expression and a tool for preserving immigrant memory and heritage in southern Brazil. This article is the result of the dissertation *“From the Cellar to the Big Industry: Preservation of the Historical Heritage of Italian Immigrants through Wine Production Buildings”*, developed within the Graduate Program in Cultural Heritage at the Federal University of Santa Maria (UFSM), in the Area of Concentration in Architecture and Tangible Heritage, in the Research Line on Preservation of Tangible Heritage.

Keywords: Architecture, Italian immigration, Cultural heritage, Cellar, Cultural identity.

Instituição afiliada – Universidade Federal de Santa Maria - UFSM

Autor correspondente: Ana Maria de Almeida Lunardi anamarialunardi@hotmail.com

This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).





INTRODUÇÃO

A valorização do patrimônio arquitetônico legado pelos imigrantes italianos no sul do Brasil constitui uma preocupação contemporânea, intensificando-se nas últimas décadas do século XX, impulsionado pelo crescente debate acerca da necessidade de salvaguardar essa herança cultural.

A arquitetura vinculada à imigração italiana destaca-se pelo caráter artesanal de suas edificações, nas quais os próprios imigrantes desempenhavam todas as etapas da construção, desde a obtenção dos materiais até a execução das técnicas construtivas. O modo de edificar e os métodos empregados por eles adquiriram relevância no contexto arquitetônico nacional, devido à criatividade na resolução de desafios estruturais, considerando os recursos disponíveis e a mão de obra existente em cada localidade.

Conforme Posenato (1983), essa arquitetura apresentava uma identidade singular, diferenciando-se das demais manifestações arquitetônicas brasileiras ao longo da história. Essa especificidade derivava da combinação peculiar de materiais e técnicas, resultando em uma estética caracterizada pela harmonia e simplicidade da estrutura, onde os elementos construtivos são reduzidos ao fundamental, com uma decoração moderada e sutil.

As características mencionadas foram aplicadas no cotidiano, notadamente nas construções residenciais, na organização dos lotes e na interação social. Visando a compreensão do sistema e da disposição dos elementos, tanto na arquitetura quanto na paisagem, serão apresentados a seguir, de forma concisa, os principais elementos organizacionais no lote, na residência, bem como os materiais facilmente reconhecidos na cultura da imigração italiana, conforme elencados por Posenato (1983).

METODOLOGIA

A pesquisa adota uma abordagem qualitativa e documental, com ênfase na análise interpretativa de fontes bibliográficas e empíricas relacionadas às edificações vinícolas da imigração italiana no Rio Grande do Sul. Por meio da investigação de documentos históricos, registros iconográficos, dissertações acadêmicas e literatura especializada, busca-se compreender a evolução das tipologias construtivas e a sua



articulação com os aspectos socioculturais do território. A sistematização das informações permitiu identificar padrões espaciais, materiais e funcionais recorrentes, bem como suas transformações ao longo do tempo. A metodologia contempla ainda a leitura comparativa entre o modelo arquitetônico italiano e suas adaptações no contexto brasileiro, considerando a resiliência cultural e a construção de identidade territorial.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Tipologias: italianas e brasileiras

A adaptação dos imigrantes italianos ao ambiente rural da serra gaúcha refletiu-se na evolução arquitetônica de suas edificações. Inicialmente, como descreve Bertussi (1997), os colonos erguiam casas provisórias com materiais disponíveis no próprio lote. Essas construções mediam, em média, 4 m por 6 m, possuíam uma porta e uma ou duas janelas, e suas coberturas, feitas de tábuas lascadas sobrepostas, garantiam estanqueidade contra as chuvas.

Uma vez estabilizados economicamente, os colonos passavam a planejar suas casas definitivas, que incluíam não apenas áreas de moradia, mas também anexos funcionais, como cantinas. A casa do imigrante, além da função habitacional, abrigava atividades econômicas necessárias à autossuficiência da família. Devido ao amplo espaço disponível nos lotes, essas atividades foram distribuídas de forma setorizada: estábulos, paióis, hortas, fornos, tanques, latrinas, chiqueiros, pomares, parreirais e áreas de cultivo organizavam-se em torno da residência (Costa, 1976).

Na Itália, as diversas atividades rurais eram estruturadas em áreas menores e restritas. No Rio Grande do Sul, devido ao maior espaço territorial destinado aos colonos, cada atividade podia ter sua própria delimitação de área, organizada ao longo da extensão do lote. Para a instalação da residência e o desenvolvimento de cada atividade, eram considerados fatores como a topografia, a incidência solar, os cursos de água, a natureza do solo e as vias de acesso, entre outros, que naturalmente levaram à organização agrupada dos serviços; o restante da área era destinado à plantação e ao cultivo de frutas e cereais.



Essa configuração dispersa das funções no terreno difere substancialmente da arquitetura rural do norte da Itália, onde geralmente as atividades se concentravam em uma única edificação:

Em relação à arquitetura rural do norte italiano da época da imigração, guarda uma relação – e não transposição – inequívoca sob o ponto de vista construtivo, porém, quanto à organização dos espaços, verifica-se um antagonismo: na Itália, geralmente todas as funções aglomeravam-se numa só edificação, em aldeias rurais, e no Brasil, a cada atividade corresponde sua própria construção, no próprio lote de cada colono. Além disso, no Brasil, em função da abundância de madeira, criaram-se processos nativos para este material. (Posenato, 1983, p. 174).

A área rural era dividida em diversos setores, segundo o autor: pátio adjacente à residência, edificações, espaços destinados aos animais, horta, vinhedo, pomar, mata para reserva de lenha, campo para o cultivo de cereais e vegetação ornamental. Além disso, apresentava a distribuição das culturas na colônia de Policultura e Viticultura. Autores como Cenni (2003) e Manfroi (2001) sugerem que essa separação espacial tenha sido influenciada pela presença dos colonos alemães, que já estavam estabelecidos há décadas na região, transmitindo, assim, algumas práticas arquitetônicas adaptadas às condições locais.

Após a seleção do local, iniciava-se o árduo trabalho de extração de árvores. Embora o domínio da madeira não fosse inicialmente uma habilidade proeminente entre os imigrantes, seu aprendizado ocorreu de forma célere. Sobre este feito, assinala Weimer (2005), a presença de uma floresta rica e diversificada em espécies arbóreas – com destaque para a Araucária (*Araucaria angustifolia*), cujos troncos, de retidão ímpar, apresentavam ramificações apenas em suas extremidades superiores – proporcionava uma matéria-prima de excelência tanto para a exploração artesanal quanto industrial.

Concomitantemente, casas de pedra com configuração irregular eram erguidas ao lado das construções de madeira. Frequentemente, o porão destas últimas era construído em pedra, visando manter uma temperatura mais amena e úmida, propícia para o armazenamento de uvas, vinhos, queijos e salames de produção própria. As habitações mistas (combinação de madeira e pedra), características da região de colonização italiana, ainda podem ser observadas na atualidade. Originalmente, estas



construções preservavam a coloração natural dos materiais, sem aplicação de pintura (Posenato, 1983).

Em consonância com Costa e De Boni (1979), o advento de uma arquitetura mais sofisticada impulsionou a utilização da caiçã, técnica de pintura que consistia na aplicação de cal diluída em água com cola extraída a partir da fervura de cactos. Adicionalmente, o sótão se configurou como um elemento distintivo na arquitetura da imigração italiana, sendo destinado ao armazenamento de grãos, os quais eram dispostos diretamente sobre o piso.

Outrossim, uma característica proeminente das moradias dos imigrantes era a cozinha, a qual se encontrava separada do restante da residência. Tal medida preventiva contra incêndios, motivada pela utilização do "fogolaro" – um tipo de fogo de chão –, resultava na construção da cozinha a alguns metros de distância da casa principal ou, alternativamente, conectada a esta por meio de um alpendre. O espaço de preparo de refeições era o reuso da casa primitiva desses moradores, em alguns casos, e representava o espaço de maior relevância no lar sendo local de reunião familiar para as refeições e celebrações (Costa; De Boni, 1979).

A residência típica da imigração italiana caracteriza-se pela setorização de seus espaços, expõe Milano (2010), refletindo tanto aspectos funcionais quanto adaptativos ao terreno. Comumente edificada em áreas com declividade, sua estrutura apresentava um pavimento inferior semienterrado, destinado ao porão, que possuía acesso externo por meio de uma ampla abertura localizada na cota mais baixa do terreno. O primeiro pavimento, situado na porção superior do lote, era acessado predominantemente por uma escada externa, construída em madeira ou pedra, cuja presença se justificava pela elevação do porão em relação ao nível do solo (Milano, 2010).

O porão da residência desempenhava um papel fundamental no armazenamento de ferramentas e na realização de atividades relacionadas à produção e conservação de alimentos, especialmente vinho e derivados de carne e leite, uma vez que se tratava da área mais fria da casa. Esse ambiente, denominado cantina, constituía o núcleo das atividades produtivas domésticas, desempenhando, por muitos anos, um papel central na organização econômica da colônia. Como afirma Bertussi (1997, p. 130), a cantina caracterizava-se por "um espaço completamente livre, tendo apenas algumas colunas de madeira que ajudavam a suportar o barroteamento do piso do andar superior".



O primeiro pavimento era destinado tanto à área social quanto à área íntima da residência, comportando de um a quatro dormitórios, os quais estavam dispostos adjacentes à sala. O espaço social podia variar em sua configuração, indo desde um salão utilizado para eventos festivos e cerimônias fúnebres até uma pequena sala de estar ou, em alguns casos, um corredor amplo que desempenhava a função de circulação para os quartos. A escada de acesso ao sótão situava-se, com frequência, no interior de um desses dormitórios, que, eventualmente, era convertido em despensa. Em determinadas situações, havia ainda um pavimento intermediário entre o térreo e o sótão, destinado exclusivamente aos dormitórios da área íntima (Weimer, 2005).

A área do sótão era projetada para ser um espaço amplo e arejado, funcional para o armazenamento e a secagem de cereais, dissertam Rigatti, Trusiani, Piccinini (2015). A configuração do piso, posicionado de forma a não exceder a altura das paredes, permitia a instalação de janelas de variadas formas que proporcionavam uma eficiente ventilação cruzada. Em algumas adaptações, o sótão era utilizado para acomodar quartos, geralmente destinados aos filhos homens, enquanto as filhas residiam em aposentos no pavimento térreo, sob a supervisão parental. Ao longo da evolução arquitetônica, as janelas do sótão foram realocadas para a empena do telhado, uma alteração que preservou a ventilação cruzada eficiente.

Os padrões de distribuição dos ambientes nas plantas arquitetônicas das residências dos imigrantes italianos podem ser categorizados de acordo com determinadas configurações recorrentes. Quando essas habitações possuem dois pavimentos, independentemente da presença ou ausência de porão, o sótão desempenha a função de segundo pavimento, acomodando um ou mais dormitórios no interior do volume do telhado. O primeiro pavimento, além de abrigar os espaços sociais e, em alguns casos, ambientes de serviço, também comporta quartos. Já nas edificações que apresentam três pavimentos, nem sempre há dormitórios no térreo, sendo estes geralmente alocados no segundo andar, enquanto o sótão passa a configurar-se como um espaço livre. As transformações observadas nessas habitações foram influenciadas por diversos fatores, como exemplifica Milano (2010, p. 73):

[...] a diminuição do lote rural, devido ao fracionamento e à distribuição de uma parte deste a cada vez que um filho homem casava e a urbanização da população da colônia, motivada pela industrialização da região contribuíram



para as modificações e para as adaptações que foram necessárias nas habitações.

Essas condições fomentaram modificações e adaptações na organização espacial das residências. Em resposta a essas dinâmicas, verificou-se, em certos casos, uma racionalização das atividades no terreno e a consolidação dos volumes edificados em uma única construção. Dessa forma, surgiram novas tipologias arquitetônicas, caracterizadas pela ausência de porões ou por sua redução significativa, típicas do ambiente urbano e, frequentemente, compostas por um único pavimento. Apesar dessas mudanças estruturais, muitos desses imóveis preservaram os elementos distintivos da arquitetura colonial da época.

A arquitetura dos imigrantes italianos no Rio Grande do Sul resultou de um processo híbrido: preservou certos elementos construtivos tradicionais europeus, mas adaptou-se às especificidades ambientais, materiais e sociais do novo território brasileiro, dando origem a tipologias próprias.

Estrutura e funcionalidade: adaptando-se às novas tecnologias (materiais e técnicas construtivas) e demandas

A arquitetura resultante da imigração italiana no Rio Grande do Sul pode ser compreendida a partir de quatro fases distintas, que acompanham o processo de chegada, adaptação e consolidação dos imigrantes nas colônias. A diversidade formal e construtiva manifesta-se nas quatro principais Colônias de Imigração Italiana no Estado, sendo possível identificar exemplares tanto em contextos urbanos quanto rurais. Essas edificações refletem uma ampla gama de soluções adotadas individualmente pelos proprietários, em função das características topográficas e das condições específicas dos locais onde foram implantadas.

No primeiro momento, correspondente à chegada dos imigrantes, observa-se a presença de uma tipologia arquitetônica rudimentar, presente tanto no meio rural quanto no urbano, denominada “fase provisória”. Tais edificações eram marcadas pela precariedade e ausência de conforto, sendo majoritariamente compostas por estruturas de troncos de árvores, com características extremamente rústicas e coberturas



confeccionadas com *scandole* (telhas de madeira), evidenciando as condições de emergência e adaptação enfrentadas pelos colonos nesse período inicial.

Superada a fase inicial das construções provisórias – correspondente, em geral, à primeira década do processo imigratório –, as edificações passaram a apresentar características de maior permanência e estabilidade. Essa transição acompanha a consolidação dos núcleos coloniais e reflete a incorporação de valores culturais e estéticos próprios de cada grupo imigrante. As escolhas arquitetônicas adotadas expressam modos particulares de pensar, agir e sentir, revelando-se tanto nas preocupações com o conforto quanto nas decisões formais e construtivas.

Posenato (1983) argumenta que, no contexto da imigração italiana, os distintos momentos psicológicos vivenciados pelos imigrantes relacionam-se diretamente com fases específicas de produção arquitetônica. Este fenômeno demonstra estreita correspondência entre os estágios de adaptação emocional e social e as formas materiais construídas ao longo do tempo.

O chamado Segundo Período, correspondente à segunda década do processo de ocupação, refere-se à etapa em que os imigrantes já se encontravam estabelecidos em seus lotes e passaram a dedicar-se à construção de moradias que oferecessem maior qualidade de vida. Esse avanço esteve diretamente relacionado ao sucesso das colheitas, que permitiu superar os primeiros anos marcados por dificuldades e instabilidade, característicos da chegada dos colonos à região.

As construções tornaram-se mais espaçosas, expandindo-se tanto nas áreas urbanas quanto nas linhas rurais que compunham a colônia. As cozinhas, por vezes edificadas de forma independente do volume principal da casa, contavam com porões utilizados para conservar bebidas e embutidos, bem como sótãos destinados ao armazenamento de grãos, geralmente cobertos por tabuinhas de madeira. Não era comum o uso de vidro nas aberturas, e as fachadas mantinham um aspecto simples, isento de ornamentações. Apesar da aparência austera, essas edificações revelavam um grau de conforto superior àquele observado nas construções da fase inicial de ocupação.

O terceiro período, frequentemente denominado como o período do apogeu (abrangendo os anos de 1890 a 1930), é caracterizado por um cenário de policultura, abundância produtiva e relativa autossuficiência econômica. Posenato (1983, p. 81) ressalta que:



o resultado compensador do trabalho realimentava o entusiasmo dos imigrantes italianos por ainda mais trabalho, resultando o fascínio da posse da terra e a ideologia do trabalho. A pouca circulação de dinheiro e a reduzida comercialização dos produtos coloniais trouxeram duas consequências: a população desfrutou da fartura, e ao mesmo tempo inexistiu a relação tempo-dinheiro.

Nesse contexto, marcado pela ausência de conflitos sociais e por fortes laços de solidariedade entre os colonos, consolidou-se uma sociedade pautada na cooperação e na equidade. Os proprietários, ainda que com autonomia produtiva, mantinham níveis semelhantes de rendimento, o que contribuiu para a estabilidade interna da comunidade. Essa organização social refletiu-se na arquitetura local, expressando tanto a noção de liberdade individual quanto a valorização do trabalho artesanal e da experimentação de materiais disponíveis na região.

Ainda segundo Posenato (1983), as edificações desse período destacavam-se por sua verticalidade, geralmente com três a quatro pavimentos, coberturas em duas ou quatro águas, e uso de materiais como tabuinhas de madeira, telhas cerâmicas ou metálicas. As cozinhas, por vezes separadas do corpo principal da residência, compunham um volume auxiliar de menor escala. As janelas, embora em alguns casos envidraçadas, ainda eram majoritariamente desprovidas desse recurso. As fachadas apresentavam duas principais abordagens formais: uma marcada pela austeridade e outra que incorporava elementos decorativos com certo grau de ornamentação, denotando distinções estéticas dentro de uma mesma lógica construtiva.

O quarto período da arquitetura de imigração, reconhecido como fase tardia (aproximadamente entre 1930 e a década de 1960), corresponde à etapa de maior integração dos descendentes de imigrantes à sociedade brasileira. Este período foi caracterizado por um progressivo desenvolvimento nos transportes, nas atividades comerciais e na dinâmica social da colônia, aspectos que influenciaram diretamente as transformações na linguagem arquitetônica adotada.

Ainda que houvesse forte influência dos estilos arquitetônicos ecléticos em voga no cenário nacional, os colonos mantiveram certa autonomia na forma de adaptar essas referências ao contexto local, incorporando gradativamente processos mecanizados, mão de obra especializada e novos equipamentos. Nesse momento, “a casa não mais



significou autoafirmação, mas apenas o local para morar” (Posenato, 1983, p. 89), revelando uma mudança simbólica no entendimento da moradia enquanto elemento identitário.

As edificações passaram a apresentar alterações significativas, como o uso mais frequente de esquadrias envidraçadas, janelas do tipo guilhotina ou de abrir, e portas com a parte superior em vidro. Observa-se também uma redução na escala das construções, mantendo-se, contudo, elementos como o porão, paredes em alvenaria de pedra e o pavimento superior como área residencial. O sótão, antes destinado ao armazenamento de cereais, foi progressivamente convertido em espaço de dormitório. A cobertura manteve a configuração adotada no período anterior.

Por fim, destaca-se que, durante essa fase, as construções tornaram-se híbridas do ponto de vista estilístico, absorvendo influências formais de diferentes correntes, como o *art nouveau*, o *art déco*, o neoclassicismo e o colonial brasileiro, compondo uma linguagem arquitetônica plural e adaptada à nova realidade cultural e socioeconômica.

Diálogo entre tradições: influências italianas e brasileiras na arquitetura vinícola

A arquitetura vinícola na região colonial italiana do Rio Grande do Sul revela um diálogo intrincado entre as tradições trazidas pelos imigrantes italianos e as influências do contexto brasileiro. A casa do imigrante italiano, em particular, reflete essa fusão de tradições. Se, por um lado, guarda relações com a arquitetura rural do norte da Itália especialmente no que diz respeito às técnicas construtivas e à organização espacial básica (Pagano; Guarniero, 1936), por outro, apresenta uma organização espacial que revela um antagonismo em relação aos modelos italianos.

Os imigrantes, ao chegarem, enfrentaram o desafio de adaptar seus conhecimentos ancestrais e técnicas construtivas às novas condições geográficas e aos materiais disponíveis, resultando em uma arquitetura singular. Essa adaptação pode ser observada na utilização da madeira e da pedra, abundantes na região, como principais elementos construtivos. A escolha desses materiais locais não apenas respondia à disponibilidade, mas também se mostrava adequada ao clima e às necessidades práticas das construções rurais. Conforme Filippon (2007, p. 42):



O imigrante italiano dominava com maestria o uso da pedra para a construção, uma vez que era originário de regiões onde a pedra era utilizada como principal material das edificações. O domínio do emprego da madeira nas construções foi sendo adquirido pelo imigrante através da experiência, da sua capacidade de adaptação ao meio e da introdução de tecnologias como o uso de serras.

As coberturas dessas edificações também refletem o encontro entre as duas tradições. Os telhados de duas águas com grandes beirais, comuns no norte da Itália, foram mantidos, mas passaram a empregar telhas produzidas localmente, inicialmente “utilizava tabuinhas, sendo gradualmente substituído por telhas de barro ou ferro galvanizado” (Miglioranza, 2011). Essa caracterização visual não apenas protegia as construções das intempéries, como também se tornou um elemento simbólico da identidade étnica dos descendentes italianos.

Essa distinção se manifesta na forma como os espaços são utilizados e na adaptação às necessidades da vida no Brasil, onde a integração com a natureza e a vida ao ar livre ganhavam maior importância. A casa, destaca Filippon (2007), deixava de ser apenas um abrigo e passava a ser um local de produção e de convívio social, refletindo a nova realidade dos imigrantes um espaço de vivência e trabalho, onde a família desenvolve suas atividades diárias.

A influência italiana na arquitetura vinícola pode ser observada em elementos como o uso do porão para a produção e armazenamento do vinho e a presença de cantinas. Miglioranza (2011) destaca a habilidade dos imigrantes italianos em criar uma linguagem arquitetônica própria, utilizando materiais locais e técnicas artesanais trazidas da Itália.

A arquitetura vinícola também foi influenciada pela paisagem local. A integração das propriedades com a paisagem circundante, valorizando o vínculo entre o solo e a mente, ou entre a estética e o ambiente natural (Corradi, 2019), mostra a capacidade da arquitetura de explorar e expressar os territórios do vinho. Essa relação entre arquitetura e paisagem é um reflexo da interação entre as tradições italianas e brasileiras, resultando em uma identidade única para a arquitetura vinícola da região. A busca por essa integração pode ser vista no cuidado em posicionar as construções de forma a aproveitar a topografia, a ventilação natural e a iluminação, criando uma harmonia entre o construído e o natural.



Portanto, a arquitetura vinícola no estado é um testemunho do diálogo entre tradições, onde as influências italianas e brasileiras se unem para criar uma identidade única e marcante. Essa identidade se manifesta na forma, na função e na relação das construções com o entorno, revelando a história e a cultura de um povo.

O porão como reflexo da dinâmica social e econômica das comunidades locais

O porão, presente em muitas construções da região colonial italiana do Rio Grande do Sul, desempenha um papel fundamental na dinâmica social e econômica das comunidades locais. Originalmente utilizado para o armazenamento de produtos agrícolas e ferramentas, o porão evoluiu ao longo do tempo, adaptando-se às novas necessidades e transformações sociais (Filippon, 2007). Sua presença marcante nas construções reflete a importância da agricultura e, posteriormente, da vitivinicultura na vida dessas comunidades.

Nas primeiras décadas da colonização, o porão era um espaço essencial para a sobrevivência das famílias. Nele, eram guardados os alimentos produzidos na propriedade, como cereais, frutas e legumes, garantindo o sustento durante os períodos de escassez. Além disso, o porão servia como oficina, onde eram realizados trabalhos manuais e consertos de ferramentas, demonstrando sua multifuncionalidade e sua importância para a autossuficiência das famílias. Filippon (2007) observa que a casa do imigrante era um espaço multifuncional, onde se desenvolviam diversas atividades, desde a produção de alimentos até o artesanato.

Com o desenvolvimento da vitivinicultura, o porão ganhou uma nova função: a produção e o armazenamento do vinho (Corradi, 2019). As condições de temperatura e umidade do porão se mostraram ideais para a fermentação e o envelhecimento da bebida, tornando-o um espaço central na economia das comunidades locais. A produção de vinho, que inicialmente era para consumo próprio, gradualmente se tornou uma atividade comercial, impulsionando o desenvolvimento econômico da região e transformando o porão em um local de trabalho e de geração de renda. Corradi (2019) destaca que a arquitetura de vinícolas busca explorar e expressar os territórios do vinho, o que inclui a adaptação dos espaços de produção, como o porão, às necessidades da atividade.



O porão também se tornou um espaço de convívio social. Nele, as famílias se reuniam para celebrar, compartilhar refeições e contar histórias. O porão era, portanto, um lugar de encontro, onde se fortaleciam os laços comunitários e se transmitiam os valores culturais. As festas, os cantos e as danças no porão eram momentos de celebração da vida e da identidade cultural, mantendo vivas as tradições trazidas da Itália. Neves (2023) ressalta a importância dos espaços de sociabilidade na construção da identidade italiana, afirmando que "é no lugar que a cultura adquire a sua dimensão simbólica e material, que a memória se cristaliza e a identidade se consolida e se reafirma".

A arquitetura do porão reflete sua importância na dinâmica social e econômica das comunidades locais. As paredes de pedra, o piso de terra batida e a ventilação natural garantiam as condições adequadas para o armazenamento de alimentos e a produção de vinho. Ao mesmo tempo, a presença de uma mesa grande e bancos indicava a função de espaço de convívio social. A robustez e a simplicidade dos materiais utilizados no porão demonstram a preocupação com a funcionalidade e a durabilidade, características marcantes da arquitetura do imigrante italiano (Miglioranza, 2011).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do tempo, o porão passou por transformações, adaptando-se às novas necessidades das comunidades locais. Em algumas casas, o porão foi convertido em adega, com a instalação de equipamentos modernos para a produção de vinho. Em outras, o porão se tornou um espaço de lazer, com a construção de churrasqueiras e áreas de jogos, essas transformações refletem as mudanças nos hábitos e nos estilos de vida das comunidades.

Independentemente de suas transformações, o porão continua sendo um elemento importante na arquitetura e na cultura da região colonial italiana do Rio Grande do Sul. Ele representa a história e a identidade das comunidades locais, testemunhando a evolução de suas atividades econômicas e de suas relações sociais (Neves, 2023). O porão é, portanto, um símbolo da resiliência, da adaptação e da riqueza cultural dessas comunidades.



REFERÊNCIAS

- BERTUSSI, Paulo Iroquez. **Elementos de Arquitetura da imigração italiana**. In: WEIMER, Günter. *A Arquitetura no Rio Grande do Sul*. 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1997.
- CENNI, Franco. **Italianos no Brasil: "Andiano in Merica"**. 3ª ed. São Paulo: EDUSP, 2003.
- CORRADI, Andréia Belusso. **Arquitetura de vinícolas: elementos para elaboração de projetos**. 2019. 157 f. Dissertação (Mestrado em Biotecnologia e Gestão Vitivinícola) – Instituto de Biotecnologia, Universidade de Caxias do Sul, Rio Grande do Sul, 2019.
- COSTA, Rovílio. **Antropologia visual da imigração italiana**. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brides; Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 1976.
- COSTA, Rovílio; DE BONI, Luis Alberto. **Os italianos no Rio Grande do Sul**. 3. ed. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes; Caxias do Sul, Universidade de Caxias do Sul; Correio Rio-Grandense, 1979.
- FILIPPON, M. I. **A casa do imigrante italiano, a linguagem do espaço de habitar**. 2007. 153 f. Dissertação (Mestrado em Letras e Cultura Regional) – Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2007.
- MANFROI, Olívio. **A colonização italiana no Rio Grande do Sul: implicações econômicas, políticas e culturais**. 2. ed. Porto Alegre: Est Edições, 2001.
- MIGLIORANZA, Suelen. **Arquitetura e paisagem da imigração italiana na zona rural de Antônio Prado – RS**. 2011. Disponível em: https://www.essearquitetura.com.br/arquivos_projetos/Arquitetura_e_paisag.pdf. Acesso em: 03 maio 2025.
- MILANO, Daniela Ketzer. **Uma vila operária na colônia italiana: o caso Galópolis (1906-1941)**. 2010. 186 f. Dissertação (Mestrado em História) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.
- NEVES, Eduardo Rotta. **As dinâmicas da Modernidade e da Italianidade na representação cultural da região colonial italiana do Rio Grande do Sul**. Tese (Doutorado em Planejamento Urbano e Regional). Porto Alegre: UFRGS, 2023.
- PAGANO, Giuseppe; GUARNIERO, Daniel. **Architettura rurale italiana**. U. Hoepli, 1936.
- POSENATO, Júlio. **Arquitetura da imigração italiana no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: EST/EDUCS, 1983. 596 p.
- RIGATTI, D.; TRUSIANI, Elio; PICCININI, L. **Memória e estruturação do espaço nas**



colônias italianas no Rio Grande do Sul. Estudo crítico-comparativo entre Bento Gonçalves/RS e as terras de origem. *In*: ZANCHETTI, Silvio; AZEVEDO, Gabriela; MOURA, Carolina. (Org.). *A Conservação do Patrimônio no Brasil. Teoria e Prática*. 1ed. Olinda: Centro de Estudos Avançados da Conservação Integrada, 2015, v. 1, p. 87-107.

WEIMER, Günter. **Arquitetura popular brasileira**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.